

TEMPLO MARCADO

Do meu livro de poemas "ECOS"

Observação: poema escrito no HC de Ribeirão Preto – SP, enquanto eu aguardava meu pai, Claudio Tórtoro, receber as aplicações na radioterapia, no final da década de 80.

Vídeo com declamação: <https://www.youtube.com/watch?v=C3Nro3xt3No>

Procuro por Deus ali, naquele hospital.

Como sempre, busco em tudo os sinais da presença divina.

O sinal do Senhor em Caim,

Num rosto marcado, surgiu e tocou-me profundamente,

Como ferro em brasa, fundo, dolorido

Gravando cruz lilás no mais íntimo do meu ser.

Um apito qual do metrô, soou.

É dada a partida após o bater de teclas, compassado.

Passando por portões/estações numeradas

De branco em círculo cinza demarcadas.

Angustiado homem perde-se nas paralelas do corredor profundo.

Luz verde/esperança revezando com vermelho/desespero.

Passa a vida, fica a morte nesse jogo Cósmico,

Enquanto a enfermeira anota papéis, fichas, esquemas,

Sob o rangido das portas que se abrem

E batem, num ruído que ecoa penetrando almas.

Alvos corpos se cruzam nos corredores,
Qual senhores da vida flutuando, angelicais,
Entremeados a sombras azuis, que se arrastam,
Presas a tubos, ansiedades, sofrimentos, ais.

O monitor insensível de TV
nada vê naquela tétrica dança,
Além dos esquálidos corpos assinalados.
E um zumbido/ronco incessante e lento
Mascara a ação dos raios da esperança.

Compassados apitos contam tempo/aplicação,
Enquanto burburinho de vozes e assovios,
Ao longe encobrem temeroso ressoar de campainhas
Que chama alguém, que lembra vida em comunicação.

Novo apito, sai um, entra outro corpo esquálido que se esvazia.

O que sai passa as mãos na cabeça, vagorosamente, tenso,
Como a tentar tirar dela a doença e os pensamentos,
Para deixá-los todos naquela sala fria.

Luzes brancas de pureza rara, no teto dos corredores,
Iluminam futuro negro e incerto, nas almas que ali transitam.

E nesse contraste constante entre vida e morte,
A semelhança entre ambas apresenta-se clara.

Vida e morte, pólos complementares de uma mesma história,
Limiar entre finito e infinito na estação/metrô da vida.
Realidade imponderável a ser vivida nesse Universo,
Não importa mais quando nem como viver a existência.

Ter, ali já não é preciso nem importante.
Ser, agora, é a vital luta pela sobrevivência.

Raios Gama invisíveis rondam paredes frias
E Deus eu vejo, ao lado do GAMATRON DA SIEMENS.